



Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Entrevista com os agricultores familiares
Roberto Aquino e Márcia da Silva Aquino

“Agricultura familiar: da vida
cotidiana às possibilidades e desafios”

Concedida a Revista IdeAS

Nesta edição da Revista IDEAS, elegemos para nossa entrevista, como uma forma de reconhecimento ao Ano Internacional da Agricultura Familiar, um casal de agricultores de Minas Gerais que nos contou sobre as dificuldades da produção, sobre as perspectivas futuras e um pouco de sua história na agricultura.

Roberto e Márcia, ambos com 45 anos, são casados e pais de duas filhas, possuem um terreno de 10 hectares no distrito de Hermílio Alves, pertencente à Carandaí, município sede do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, presidido pelo próprio Roberto. Localizado na microrregião de Barbacena, interior do Estado de Minas Gerais, Carandaí tem vocação agrícola para a produção de olerícolas, sobretudo, cenoura, tomate e abobrinha italiana, e é a produção destas duas últimas culturas que nossos entrevistados têm se dedicado.

Segundo dados da Produção Agrícola Municipal (PAM) de 2012, o município produziu 6.150 toneladas de tomate, sendo, portanto, um importante produtor do principal gênero da salada do prato brasileiro. Além disso, o município possui 395 estabelecimentos de agricultura familiar, que ocupam uma área de 7.016 hectares, e 160 estabelecimentos não familiares, ocupando uma área de 12.080 hectares, evidenciando a existência de uma multiplicidade de tipos de agricultura.

Na entrevista com Roberto e Márcia são notáveis, a partir das falas dos atores, as mudanças em sua realidade ocasionadas pelas políticas públicas, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), e que culminam com um fortalecimento da agricultura familiar. Contudo, percebemos também uma série de dificuldades que ainda são enfrentadas cotidianamente, como o acesso aos mercados, o uso dos agrotóxicos e a ainda frágil atuação das cooperativas, associações e sindicatos rurais devido à baixa participação dos agricultores locais nessas esferas representativas. Tais entraves podem ser estendidos a todos os pequenos produtores espalhados pelas zonas rurais do país e precisam ser mais discutidos.

Reverter esse quadro de fragilização representativa da pequena produção é um dos objetivos do Ano Internacional da Agricultura Familiar, criado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês) – que ainda almeja a promoção, em todos os países, de políticas públicas que promovam o desenvolvimento sustentável da Agricultura Familiar (AF) e o fortalecimento da percepção da sociedade sobre a importância de apoiá-la. A execução destes três objetivos é vista como fundamental para a promoção da segurança e soberania alimentar, para o desenvolvimento de uma agricultura que respeite o meio ambiente e a biodiversidade, e para a erradicação da pobreza.

Neste espaço, portanto, gostaríamos de “dar voz” aos responsáveis pela maior parte da produção de alimentos no Brasil, reconhecendo seus limites e avanços em um contexto cada vez mais competitivo e excludente.

Entrevista:

Revista IDEAS: *Falem um pouco sobre vocês, como começaram a trabalhar com a agricultura? Quais as mudanças e adaptações que vocês enfrentaram ao longo do tempo?*

Roberto: Eu comecei a mexer com lavoura em 1980, quando meu pai e meus irmãos começaram. Em maio de 1980, e de lá para cá nunca mais saí da lavoura. Era de hortaliça. Tomate, repolho, cenoura, beterraba, nós chegamos até a mexer com cenoura amarela no início, mas depois mudamos. Meu pai, antes desse período, mexia mais só com gado de leite, tinha as vaquinhas dele, tirava leite e pronto. A partir daí meus irmãos começaram a despertar o interesse de ir para lavoura, eu tinha dois irmãos, eles passaram a plantar, o primeiro canteiro, foi de meia com meu tio. No segundo ano de lavoura, meu pai falou: “Não, já que vocês querem plantar vem cá para casa.” Isso em maio de 1980, e vem assim até hoje. Já faz 34 anos. Agora o papai devido à idade resolveu fazer a divisão. Fez a doação para nós irmãos. Nosso sítio, da Marcia e meu, chama-se Sítio Paraíso. E assim aconteceu desde que a gente se casou em 1989, 25 anos juntos nessa caminhada, lá a gente planta nosso canteirinho, nosso tomate, de vez em quando uma abobrinha, feijão.

Márcia: A minha família trabalhava de meia com outro dono de propriedade de terra enquanto eu era solteira. Havia bastantes pessoas que trabalhavam como meeiro e também tinha muito tomate. A minha família geralmente plantava cerca de mil, 4 mil pés de tomates. O que mudou muito, daquela época até hoje, foi o trabalho. Antes, abrir leira era na enxada, no braço. Precisava de muito mais mão de obra e a gente gastava muito mais tempo no preparo da terra. Agora não, você coloca o

trator e com uma hora você já tem um tantão de leira preparada. A qualidade da leira também melhorou; hoje, ela fica mais funda e tomate gosta disso, de leira mais funda, a terra fica mais macia. Então foi uma evolução muito boa mesmo. Antes a gente ficava dois ou três meses abrindo leira. A gente agora olha para trás e vê isso, mas é com muito carinho com aquilo. Porque você ia, abria a leira com enxada, aí depois tornava a abrir mais um pouquinho, eu sei que ficava bem fundo também, só que por etapas. Esse trabalho era mais para os homens, as mulheres ficavam nos barracos da lavoura para pesar adubo, porque era tudo pesadinho. Se a leira tinha uns 25 metros, pesaria um tanto para 25m, se a outra leira tinha 15m, diminuía um pouco o peso do adubo, então as mulheres ficavam mais com essa parte e os homens na abertura de leira. Era um trabalho pesado, mas ficavam muito boas as leiras também. Mas hoje isso já não se encaixa mais, não tem como. A gente gastava quase um mês se não pegasse direto, o tamanho ou as sementes. Primeiro você tinha que abrir as leiras e só depois você semeava. E aí a gente fazia “copinho de jornal”, enchia de terra e colocava a semente ali. Era muito mais mão de obra. Mudou a semente também, hoje em dia existe mais a qualidade de tomate longa-vida. Você até pode tirar a semente de outras variedades, o chamado “tomate comum”, mas é complicado porque aí vai ficar um produto todo deformado e não é a mesma qualidade do tomate de atualmente. Outra coisa que influencia são as pragas que existem hoje em dia, né Roberto?! Porque esse tomate que a gente denomina “comum”, ele não produz, ele não consegue por causa das pragas, porque ele não tem resistência. Não sei se são as sementes, mas ele não tem resistência, não sei o que acontece. Tem gente que ainda tenta, mas não sai uma produção não.

Revista IDEAS: *Como o termo agricultura familiar se tornou parte da vida de vocês?*

Roberto e Márcia: Nós ficamos sabendo há pouco tempo que nós éramos agricultores familiares, desde quando entramos no movimento sindical. Filiamos-nos no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Carandaí em junho de 2007. Então nós perguntamos a respeito da agricultura familiar: “Mas o que é isso, gente?” Responderam: “É o que vocês fazem, Roberto e Márcia.” A gente planta um monte de coisa. Planta um canteirinho de tomate, outro de feijão, abobrinha (...), e foi assim que descobrimos que a gente faz parte da agricultura familiar. Antes éramos agricultores. Tanto é que a gente ouvia falar do PRONAF e não sabia o que era. Ele é o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Nós estamos utilizando o PRONAF para Custeio. Aqui em Carandaí é através do Banco do Brasil. O custeio é o adubo, os venenos, as sementes, o aluguel de equipamentos. Aí entra tudo que é para agricultura mesmo. Se você for utilizar o PRONAF para comprar uma peça, um trator, aí já não é Custeio, é Investimento. São essas duas linhas disponíveis. O PRONAF ajudou muito. Os juros são baixos, a Linha de Custeio que nós estamos utilizando é de 3,5% ao ano. Você faz um empréstimo de mil reais e em um ano você paga só 35 reais de juros. O que mudou para gente lá na terra foi o seguinte: a cabeça. Participar de cursos mudou a gente. Hoje em dia quando se fala em plantio direto nós já entendemos um pouquinho melhor. Antigamente a gente mexia muito na terra. Hoje em dia a gente sabe que quanto menos você mexer, mais você a protege. Então são esses cursos que mais melhoraram.

Roberto: Em 1980 eu cortava terra com arado de boi, porque a gente tinha muito boi. Eu lembro que quando o pai da Márcia trabalhava na

lavoura era um verdadeiro trabalho de arte. Eles cortavam a terra, o terreno ficava certinho e calculava, desenhava já os canteiros, riscava para fazer o nivelamento (...) a irrigação era por declividade, a água ia sozinha no desnível. Já abria as leiras, já deixava o caminho de andar ali no meio certinho. Era uma época que você podia tirar a semente do próprio tomate (...) você colhia o tomate e, quando chegava em casa, você tirava a semente, fazia um trabalho de artista mesmo. Você secava e semeava com a mesma semente.

Revista IDEAS: Existe alguma divisão nas atividades/responsabilidades da lavoura? Como funciona o trabalho?

Roberto: No trabalho da lavoura nós trabalhamos juntos, a única coisa, a única divisão que tem é na hora de pulverizar, aí sou só eu. Pulverização é complicado. Se for preciso a Márcia passar, ela passa, mas essa parte eu gosto de fazer eu mesmo. Mexer com veneno é muito perigoso. Eu já fiz um curso de aplicação de defensivo. Eu tenho o curso pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Eu já fui uma pessoa que fazia tudo errado na hora de pulverizar: descalço, sem camisa. Então eu já vi isso tudo. Sei o que é errado e sei o que é certo. Já fiz o errado, mas hoje eu luto para não fazer mais. Então, na hora que vou pulverizar, eu visto todo aquele aparato, a gente tem o motor pequeno para pulverização também. Graças a Deus eu tenho todo o equipamento, tenho um tratorzinho que a gente pegou na divisão dos bens da minha família, tem um motor para fazer irrigação também. Hoje na irrigação já melhorou porque eu estou no uso do gotejo. No primeiro momento o investimento dele é mais caro, mas no decorrer do tempo ele compensa (...) Então, por exemplo, tem peça que dura 10 anos, e aí, se você joga o valor dividido por 10 anos, ele se torna barato; além

disso, a irrigação com gotejo funciona melhor, economiza água e mão de obra. Antes do gotejamento era com a mangueira, a gente arrastava a mangueira nos canteiros de tomate para molhá-los. Hoje a lavoura vai evoluindo. Eu falo uma coisa que eu não concordo, quando a pessoa fala dessas quadrilhas juninas que vestem a pessoa do campo igual a um Jeca Tatu. O homem do campo hoje não é mais esse Jeca Tatu não. O homem do campo hoje tem acesso à internet, acesso a tecnologias como máquinas para as lavouras. Os trabalhadores das grandes lavouras têm acesso a máquinas altamente tecnológicas, todas computadorizadas. Esse trabalhador rural é um Jeca Tatu? Então, não existe mais isso. Por isso, eu não concordo com quadrilha porque desfaz do homem do campo. Existe muito preconceito, mas já melhorou muito. Antigamente – eu vou falar pelo meu município, Carandaí –, quando trabalhador rural entrava nas agências bancárias, o povo ficava olhando de nariz torcido. Se tivesse de bota de borracha, botina e roupa suja, o pessoal olhava. Mas hoje o próprio comércio entendeu. Carandaí pelo menos entendeu: quando a lavoura vai bem, o comércio vende bem; quando a lavoura vai mal, o comércio não vende. Aquela história (...) doeu no bolso, o povo entende o recado.

Revista IDEAS: Vocês poderiam contar um pouco mais sobre os tipos de cultivos, como são feitas as compras dos materiais que vocês utilizam em cada safra? Quais são as principais dificuldades na produção agrícola?

Roberto e Márcia: Para fazer o trabalho do milho, por exemplo, aqui na nossa região ainda não há dessas máquinas grandes, colheitadeiras, usamos mais os chamados “foguetinhos”. Tem de uma linha e duas linhas. Uma linha é uma leira de milho, duas linhas são duas leiras de

milho que ele colhe por vez. Então isso facilita muito a mão de obra, porque você colhe o milho e ele já sai em grão no compartimento lá. Na nossa propriedade nós não colocamos a mão nele. O trator, nós alugamos por um dia, já tem um equipamento, e o rapaz que dirige colhe e, quando enche o reservatório do trator, ele já aciona uma alavanca que faz passar do reservatório do foguetinho para dentro do caminhão. Para semear tem uma máquina também (...) as plantadeiras. Hoje em dia para plantar milho é tudo no trator. Para plantar milho hoje você não precisa colocar a mão mais não. Já o tomate você manda fazer a muda na estufa, mas na hora de plantar é no manual, mudinha por mudinha. O plantio de tomate é igual cuidar de uma criança, a lavoura de tomate em si é o cuidado de uma criança, você tem que ficar ali direto porque ele dá trabalho direto. Sobre os venenos, o tomate é o que gasta mais. O tomate é o campeão (...) a hortaliça em si é campeã em agrotóxico. O milho você passa um herbicida para dessecar, quando tem mato antes de plantar, já coloca um veneno e depois você passa uma pulverizada. Igual ao ano passado foram duas pulverizadas: uma antes de plantar para dessecar, porque estava vindo a brota, e depois ele já com uns 15 ou 20 dias, e depois o herbicida seletivo ao milho, adubo e pronto, já colheu. Não precisamos de fungicida depois dele adulto. Só precisou de herbicida mesmo, enquanto que o tomate são duas, três vezes, na semana, de pulverização. Com o tomate já é o contrário, gasta menos herbicida, você gasta mais com os venenos e com os fungicidas. Tudo é veneno. Cada um combate um tipo de problema do tomate e hoje eu vou te falar (...) o tomate dá muito problema, ele é muito sensível. E tem a hortaliça que é no tempo. Ela fica exposta aos “destemperes” da natureza. Se fizer muito sol causa um problema, se chover causa outro problema, e aí é o conjunto ali, igual a uma máquina (...) uma máquina tem um monte de peças para ela funcionar.

Roberto: Adaptação às inovações a gente é obrigado. Tem que acompanhar, senão você fica por fora. Olha, eu vou ser muito sincero. O milho que eu planto é transgênico porque é um milho de alta produção. O mercado é o xis da questão, é a nossa principal dificuldade. O mercado nosso aqui a maior parte vai para Belo Horizonte.

Eu tenho muito medo, além da preocupação que tem que ser normal de cada um, na nossa lavoura tem a parte de higiene, eu não deixo nada sujo, tudo é limpo. E hoje com o problema que a gente está vivendo de falta d'água, esse período todo sem chuva, a gente está vendo que a água está acabando, então a gente tem que tentar produzir água. E outro detalhe: aqui em Minas Gerais a gente tem o Instituto Mineiro de Agropecuária, que é o IMA, e ele é muito rigoroso na fiscalização.

Esse negócio de orgânico eu vejo muito na televisão e tem hora que eu tenho curiosidade de fazer. Mas primeiro eu tenho que saber o seguinte: quem vai patrocinar? Eu tenho que tirar o meu sustento, o sustento da Márcia e das meninas. Porque você vai gastar, vai ser uma transformação. Eu vou parar de produzir o convencional e vou começar a produzir o orgânico, mas tem um período ali, eu não posso passar direto, eu tenho que fazer uma transformação, e o custo de investimento, pelo que a gente acompanha, eu vejo muito esses canais de agricultura, eu vejo muito esses programas, é caro e complicado para você investir. E aí (...) até eu ter esse retorno para eu sobreviver? Como eu faço? Essa é minha curiosidade.

Márcia: Eu tenho vontade de produzir sem agrotóxicos, mas por causa do problema do mercado, a gente vai produzir assim e vai vender onde? E a preocupação não é de produzir menos não (...) a preocupação é que a gente não vai ter lucro. A gente vai plantar, tem que investir e onde a

gente vai vender? Porque ainda não existe assim: uma parte ali no CEASA que só compra produto natural, que não leva agrotóxico (...) isso não existe e isso é uma dificuldade.

Revista IDeAS: Enquanto agricultores familiares, qual a relação de vocês com o mercado? Quer dizer, como vocês lidam com essas diferentes tarefas, desde a compra da semente até a venda do produto? Como vocês vivenciam as conexões dessa relação?

Roberto: O mercado? Hoje em dia tudo na vida é uma parceria. Por exemplo: a firma que fabricou esse celular onde está? Deve estar em outro país, mas até chegar aqui quantos parceiros ela não teve? Assim é a lavoura. Eu sou o primeiro, eu vou lá produzir. Eu sou uma das pontas e o consumidor é a outra, mas aí os parceiros estão no meio. Outro dia eu falei no barzinho ali embaixo: “Eu já vi que tudo é parceiro”, aí me perguntaram. Eu respondi: “Essa cerveja que você está tomando, esse pedaço de frango que você está comendo (...) calcula o caminho que essa carne fez até chegar aqui agora. Quantos parceiros foram necessários nesse caminho? Tem a pessoa que criou, engordou o frango, aí veio o outro que matou e levou para o mercado, até chegar aqui”. Hoje a vida é uma parceria.

As políticas públicas têm parceiros, elas existem e funcionam, mas eu vou te falar a minha realidade e do Município de Carandaí. O governo tem o PNAE, que é o Programa Nacional de Abastecimento Escolar, e o PAA, que é o Programa de Aquisição de Alimentos, onde a prefeitura é obrigada a comprar, no mínimo, 30% dos alimentos da agricultura familiar. Mas, por exemplo, nós não consumimos a demanda do Município de Carandaí. Não tem mercado (...) Carandaí não consegue consumir tudo o que a gente produz na zona rural. A gente produz

muito, entendeu?! Já produziu mais, mas ainda assim tem muita produção aqui.

No orgânico a dificuldade é a do mercado, é a da transição, porque tem um período para eu sair do convencional e ir para o orgânico. Produzir para outros mercados. É a cultura do povo. A cultura de quem vai produzir e escoar essa produção e a cultura de quem vai comprar esses produtos. Hoje nós estamos acostumados a plantar de modo convencional. A gente entrou nessa e a gente é um pedaço desse caminho, e não tem como você se retirar de repente. Você fica preso, porque, quando compra a semente, você assume um compromisso e tem que pagar. Hoje tem o PRONAF, a gente está utilizando financiamento para plantar a roça, para comprar as coisas, com os juros mais baixos, ótimo. Mas ele vai vencer ano que vem. Tem que produzir muito. Por exemplo, se o PRONAF vai me financiar e o custo da minha produção vai ser de seis sacas de milho por hectare, se eu colher apenas as seis sacas eu trabalhei de graça. Aí é preferível eu parar de trabalhar por conta própria e começar a trabalhar para os outros. Essa é a mentalidade: você ter um mercado que te garanta o melhor preço! Porque essas escolas de Carandaí, elas não consomem tudo o que produzimos, porque aqui tem muito agricultor familiar. Muito mesmo.

Roberto e Márcia: Para a compra de sementes, adubos, por exemplo, o PRONAF foi muito bom, porque você sai dos juros altos do mercado. Enquanto as lojas te cobram 3% ao mês, o PRONAF te cobra 3% ao ano. Nós fomos à agência bancária e falamos que queríamos pegar dinheiro, um financiamento, para plantar 7 hectares de milho. Eles liberaram 2 mil por hectare. Depositaram o dinheiro na conta, depois de todos os trâmites legais – assinatura de contrato, essas coisas. Depois depositaram o dinheiro e compramos o material. Compramos em uma casa agropecuária. Compramos o adubo e aí se você comprar direto, você

ganha um desconto pelo uso do cartão do produtor. Aquela grande história: entre a fábrica e produtor tem um caminho. Você até pode comprar direto, mas o problema é que nós, produtores, somos um pouco preguiçosos, tem uma coisa que eu gosto, mas tem muitos colegas meus que não gostam, que são as cooperativas e associações. Por exemplo, você pega um número de pessoas (...) se eu gasto 10 sacos de adubo e meu vizinho gasta mais 10, a gente pode reunir e comprar direto da fábrica e aí vai ter um desconto para o produtor. Mas isso não acontece.

Revista IDeAS: Como vocês percebem essa organização social entre os agricultores familiares daqui?

Roberto: É muito difícil essa organização. Eu vou falar aqui pela minha região. Os produtores têm essa bronca, têm uma resistência em juntar. Desde 2012, a Caixa Econômica está financiando a agricultura familiar no Brasil. Ano passado a gerente da Caixa Econômica de Carandaí me ligou no Sindicato e falou para mim: “Roberto, você me perguntou se eu estava liberando recursos do PRONAF. Para agricultor individual não estamos, mas para cooperativas estamos sim. Quantas cooperativas têm em Carandaí?” E eu respondi: “Nenhuma. Não tem nenhuma cooperativa em Carandaí”. Tentamos criar uma de leite, aquela coisa, mas os produtores deslizam muito. É o individualismo. Cada um só pensa em si mesmo. Precisamos romper com essa cultura do individualismo.

Nas reuniões da associação quantos agricultores vão? Não falta conhecimento, mas sobra individualismo. Quantas pessoas que você conhece que são produtores rurais e não se filiam ao Sindicato? Várias. Elas acham que é perda de tempo. De vez em quando o pessoal me pergunta e eu falo: “Gente, o Sindicato você sabe para o que é? É um

instrumento de luta para fortalecer a categoria e conquistar melhorias para os agricultores, para fazer a parte burocrática por você. Você tem que estar lá na sua lavoura produzindo e a parte burocrática é o Sindicato que faz”.

O papel dos sindicatos é fortalecer a luta. Em 1970 é quando começa essa luta do homem do campo para ele aparecer, ter a sua vez e ter direitos. Até então os agricultores não tinham direitos, não se aposentavam, morriam nessa expectativa. Aí veio o movimento sindical, o presidente da nossa federação, que é um dos pioneiros nessa luta, já ficou acampado cerca de um mês em Brasília, para pressionar os deputados a votarem algo que beneficiasse os agricultores. O PRONAF mesmo é fruto de pressão sindical, iniciado no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, foi uma luta do movimento sindical. O Mais Alimento, o Crédito Fundiário, a aposentadoria do homem do campo com 60 anos e da mulher com 55, a valorização dos assalariados, tudo isso foi graças aos sindicatos. O Programa Nacional de Crédito Fundiário, o PRONAF, o PAA, o Programa Nacional de Habitação Rural. Neste último programa, o governo financia para a construção de uma casa no valor de 28.500 reais. Tudo isso foi pressão do movimento sindical. E ainda tem gente que fala: “O Sindicato não faz nada pra gente.” Se você sair do movimento, você enfraquece. Por exemplo, não tem o Sindicato dos professores? Se Sindicato não fosse bom, não existiriam associações médicas ou dos magistrados. Então, quer dizer, os pequenos, que são os que mais precisam, não valorizam. Uma coisa no Brasil é o seguinte: dizem que 10% da população têm acesso a 90% da terra do país e 90% da população fica com 10% da terra. Mas na hora de votar, na hora de eleger os políticos que vão desenvolver projetos e vão ajudar na vida do agricultor, o meu voto é a mesma coisa que o de um juiz, de um político, de um empresário. A maioria é pobre e a minoria é

rica, mas, infelizmente, a maioria vota em rico. Por quê? Está errado isso. Falta de conhecimento, falta de sentar, debater e discutir. As pessoas têm tempo para ficar duas, três horas na frente de televisão, mas não têm tempo para se reunir uma vez por semana para discutir coisas do seu interesse.

Parece que se criou uma mentalidade no povo brasileiro que é a seguinte: religião, política e futebol não se discutem. Outro dia eu vi uma reportagem de um professor da USP, em que ele disse que isso só não é discutido por gente tonta, mas isso é discutido sim por gente adulta, independente da religião, você discute, conversa. Agora discutir é uma coisa e brigar é outra coisa. Eu fui criado durante a Ditadura, a Márcia também, e nesse período as coisas eram terríveis. Nós somos filhos dessa época: não se discute política, não se discute religião, não se debate esses assuntos. Por que você acha que governo criou PRONAF, Mais Alimentos? Tem muita gente que compra trator pelo Mais Alimentos, mas crítica o Sindicato. E, no entanto, foi o movimento sindical que lutou, brigou para ter o Mais Alimentos, que dá a oportunidade do pequeno agricultor, do agricultor familiar comprar essas máquinas.

Revista IDEAS: Vocês têm conhecimento do Ano Internacional da Agricultura Familiar? Se sim, por que vocês acreditam que ele foi criado?

Roberto: Eu tenho esse conhecimento do Ano Internacional da Agricultura Familiar sim, por causa das reuniões do Sindicato. Eu acho que foi para prestigiar os agricultores familiares porque eles são os grandes produtores de alimentos. São os produtores da salada de tomate, do arroz, do feijão e essas outras coisas, uma verdura, uma

alface, uma couve essas coisas pequenas que outras agriculturas, como o agronegócio, não produzem. Se formos pensar, como mostram as estatísticas do governo, cerca de 75% dos alimentos que chegam à mesa do brasileiro são produzidos pela agricultura familiar.

Considerando essa questão da importância da quantidade de alimentos que a agricultura familiar produz, eu fico pensando em possíveis mudanças como a produção orgânica, por exemplo. Será que se eu mudasse para esse tipo de produção e talvez passasse a produzir menos, eu não estaria aumentando a chance de fome no mundo? E isso porque esses dias houve uma notícia boa. Parece que diminuiu em 100 milhões o número das pessoas que passam fome no mundo, segundo uma informação da FAO¹. Parece que lá agora é um brasileiro, chamado Graziano, e acho que ele criou o Ano Internacional da Agricultura Familiar para incentivar e homenagear o produtor familiar. Pensando na fome, é preciso a gente sempre relacionar isso com as possíveis formas de produção agrícola. Quais são os desafios da agricultura orgânica e da agricultura familiar hoje? Se a produção diminuir não vai afetar a fome no mundo? Vai melhorar a qualidade, vai, isso é indiscutível, mas e essas outras coisas? Inclusive eu estava conversando com um professor sobre esse negócio do transgênico, ele é formado em Biologia e falou assim: “Olha, Roberto, precisa ser mais bem conversado, há os prós e os contras.” Ele é formado em Biologia pela Unicamp. Então temos que conversar e pensar mais sobre tudo isso sim.

Revista IDeAS: *Quais são algumas das modificações que os agricultores familiares precisam lidar?*

¹ Food and Agriculture Organizations.

Roberto: A paisagem rural mudou muito, porque o pessoal foi invadindo e desmatou para plantar e para criar gado. A mentalidade era: “vamos cortar e vamos plantar”. Há alguns anos eles faziam muito isso. Há pouco tempo eu estava conversando com um vizinho meu e ele disse: “Seu avô produzia leite orgânico, que era aquele leite que a vaca ficava lá no capim gordura e não tinha mais nada.” A vida foi levando, e meu pai foi no embalo e mudou. Hoje em dia não tem capim gordura e grande parte das pessoas que mexem com gado estão produzindo de forma convencional. Mas eu cresci vendo meu pai roçar, arrancar árvores, plantar, criar pastos; pelo menos, eu já reservei, eu já tenho a Reserva Legal. Eu já penso o seguinte: tenho que produzir água. Eu tenho que produzir alimentos na minha terra, mas se eu não produzir água não vou conseguir produzir alimentos. Eu já tenho esse pensamento, já tenho algumas informações. A gente houve falar para fazer as famosas “barraginhas”, que são pequenos buracos que você faz no alto do campo e aí, quando dá uma enxurrada, você segura essa água dentro desse buraco no alto da propriedade e depois, ao longo do tempo, mesmo com sol, aquela água vai infiltrando, penetrando lentamente e vai para nascente. A mentalidade é essa. Toda chuva que cair dentro da sua propriedade, você não pode desperdiçar.

Revista IDeAS: *Como vocês percebem as perspectivas futuras da agricultura familiar e o próprio trabalho de vocês?*

Roberto: Dizem que o mundo de tempos em tempos dá uma mudança assim. Aquilo que você fazia anos atrás, você não faz mais hoje. A gente não sabe como vai ser daqui a 10 anos. Mas eu penso o seguinte: eu tenho que passar a informação, mas mudar a cultura da pessoa é difícil. Agora sobre a transformação eu posso falar o seguinte: eu vi numa

pesquisa, não lembro onde, que em 1970 62% da população viviam no campo e que agora esse número já caiu para 32% e em 2050 pode cair para apenas 8%. Aqui em casa, eu e Márcia sempre fomos da roça, mas nossas meninas não vão ser. Uma está fazendo o curso de Nutrição e a outra está ainda no Ensino Fundamental. Quando você tem dois filhos, como eu e Márcia, nós só vamos ser substituídos no mundo, porque nós não vamos aumentar a população do mundo. Então, lá na roça a gente não vai ter substituto, e isso vai acontecer com muitos por aqui. A tendência, eu acho, é diminuir muito a população do campo. As famílias em si já diminuíram. E para ficar no campo, tem umas que estão zeradas. Na hora em que o pai e a mãe acabarem seu ciclo de vida, termina, porque não vai ter ninguém para substituí-los. Hoje o que está acontecendo é que o jovem tem acesso à internet e ele se sente atraído por outras coisas, que a roça não consegue oferecer. Ele não quer mais ficar na roça. Hoje o mundo está em uma globalização.

Apesar dessas migrações, a qualidade de vida das pessoas do campo, aqui, melhorou muito. Pelo seguinte: se você olhar 30 anos atrás, muitas pessoas que trabalhavam para outras pessoas hoje são pequenos produtores. Elas produzem por conta própria, mesmo que arrendem ou aluguem um pedaço de terra. Eu venho dizendo o seguinte: “A reforma agrária está acontecendo naturalmente, aquele fazendeiro de 40 anos atrás dividiu entre os filhos, os filhos dividiram entre seus filhos e essa divisão vem até hoje”. Então, quer dizer, antigamente era pouca propriedade para muita gente trabalhar e o patrão pagava mal, indiretamente, até meio que explorava. Hoje aumentou a concorrência. Há 30 anos eu não imaginava que hoje eu seria o proprietário de terras, quer dizer, porque meu pai tinha terra. Mas tem muita gente que não herdou, que trabalhou de meia com outros, juntou um dinheirinho e conseguiu comprar a sua propriedade. Hoje a mão de obra aqui é pouca.

Na nossa região hoje tem muito meeiro, muito arrendatário que adquiriu, comprou direto ou alugando e arrendando em parceria com contrato. Então, as pessoas alugam essa pequena propriedade, trabalham ali e conseguem um dinheiro para comprar sua própria terra. De arrendatários ou parceiros eles passam a serem proprietários.

Márcia: Antigamente não tinha esse negócio de pôr os filhos para estudar. Por exemplo: aqui em Hermílio Alves só tinha até o grupo, e para ir para o ginásio era difícil porque não tinha acesso, não havia transporte escolar. Meus irmãos mesmo se formaram no ginásio indo a pé. Hoje em dia você tem ônibus, na zona rural, tem a Kombi que busca, e isso vai incentivando os meninos a estudarem. Antes não, a família geralmente tinha muitos filhos e todos acabavam ficando na roça.

Na minha idade a gente já ouvia falar de ambientalistas, que era para gente ter cuidado, que não era para gente desmatar tanto porque a água poderia secar. Eu nunca pensei que isso fosse acontecer. E não é que a coisa está virando verdade? O irmão do Roberto estava comentando que secou a água. Então é assim, a gente vê. Ainda não está tudo perdido, mas é preciso que as pessoas tomem consciência desse fenômeno que está acontecendo, porque 2014 vai entrar para história por causa dessa seca. Todo ano tem a seca, e pelo jeito essas nascentes já estão secando há muitos anos, porém como estava chovendo não havia tanto problema com água. Não secou de uma hora para outra, as nascente vem secando. Também não teve mais plantio de árvores (...) Não sei como funciona, mas elas ajudam na hora de brotar a água ali na nascente.

Roberto e Márcia: Para melhorar a agricultura familiar, a agricultura orgânica teria que ter mais apoio da sociedade como um todo, do governo, dos agricultores, desse pessoal que está estudando. Porque nós não podemos pesquisar. Nós temos que plantar, colher e vender bem. Então, precisamos de ajuda das pesquisas. Precisamos também

procurar conhecer melhor as política voltadas para esses problemas, porque, por exemplo, eu vou produzir organicamente ou vou produzir agroecologicamente, mas será que eu vou ter mercado? Você chega na prateleira do mercado e você compra primeiro pelo olho, o brasileiro compra pelo olho primeiro, depois é que ele vai olhar a qualidade. Uma coisa que nós não sabemos é como fazer essa engrenagem funcionar. Aí que está a questão!